



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



CAMILA FERNANDA LIMA FERREIRA

**O BRINCAR DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19:
VIVÊNCIAS DO BRINCAR EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL**

MARIANA- MG

2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**



CAMILA FERNANDA LIMA FERREIRA

**O BRINCAR DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19:
VIVÊNCIAS DO BRINCAR EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL**

Trabalho de conclusão de Curso – TCC
apresentado em formato de Artigo à disciplina
de Monografia-EDU 381 do Departamento de
Educação da Universidade Federal de Ouro
Preto, como requisito para obtenção do título de
Pedadogo(a).

Orientadora: Profa. Dra. Liliane dos Santos
Jorge

Responsável pela disciplina de Monografia:
Profa. Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutrim.

MARIANA MG

2021



FOLHA DE APROVAÇÃO

Camila Fernanda Lima Ferreira

O brincar em tempos de pandemia de COVID-19: vivências do brincar em tempos de isolamento social

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Pedagoga

Aprovada em 17 de dezembro de 2021

Membros da banca

Doutora Liliane dos Santos Jorge - Orientadora (Universidade Federal de |Ouro Preto)
Doutor José Rubens Jardimino (Universidade Federal de Ouro Preto)

Liliane dos Santos Jorge, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 17/12/2021



Documento assinado eletronicamente por **Liliane dos Santos Jorge, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/01/2023, às 19:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0454525** e o código CRC **B422ED93**.

O BRINCAR DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: VIVÊNCIAS DO BRINCAR EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Camila Fernanda Lima Ferreira

Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP
Instituto de Ciências Humanas e Sociais-ICHS

RESUMO

O presente artigo traz os resultados de uma pesquisa qualitativa sobre a importância do brincar para as crianças e as consequências do isolamento social causado pela COVID-19 para este ato. O brincar é um direito da criança e uma importante ferramenta para o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e psicomotor. É por meio das brincadeiras que a criança desenvolve importantes capacidades e habilidades. Brincando, constroem laços afetivos e sociais com outras crianças. O corpus teórico deste trabalho está composto por autores do campo educacional que dialogam com a temática e que discutem sobre o processo de desenvolvimento cognitivo da criança e a importância do brincar para o seu pleno desenvolvimento. Foram selecionados: Kishimoto (2002), Borba *et.al* (2001) e De Queiroz *et. Al* (2006), Wajskop (2012); Ariés (1981) e Vygotsky (1991). Buscou-se refletir sobre as consequências do isolamento social para as crianças, especificamente no que tange ao brincar, a partir do depoimento de 4 (quatro) mães, residentes em diferentes contextos do interior e da capital. Pode-se afirmar, com base nos estudos até então realizados, que com o isolamento social e o consequente fechamento das escolas, a pandemia afetou as crianças e a sua relação com a família, alterando significativamente sua rotina, trazendo novas emoções, preocupações e sentimentos, alterando ainda, os parceiros, os modos, os espaços e tempos de brincar.

Palavras-chave: Brincar. Educação Infantil. Pandemia da Covid-19.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo geral, conhecer os possíveis efeitos do isolamento social decorrente da pandemia do COVID-19 em crianças e como elas estão enfrentando esse momento. Os objetivos específicos do estudo foram: analisar, por meio da literatura do campo educacional, a importância do brincar para o desenvolvimento infantil; compreender, por meio da narrativa de famílias, os efeitos do isolamento social e do fechamento das escolas, nos tempos, formas e espaços de brincar em crianças de 2 a 12 anos; identificar estratégias criadas pelas famílias para possibilitar às crianças oportunidades de brincar durante o tempo do isolamento social provocado pela COVID-19. Ainda visou refletir sobre como esse momento pode comprometer o uso das brincadeiras como ferramenta pedagógica e como eixo estruturador do desenvolvimento infantil.

Segundo essa premissa, sabemos que a infância é marcada pelo brincar, esse ato faz parte do cotidiano da criança e é através dele que a criança se comunica com o mundo, vivenciando o lúdico, aumentando o seu potencial criativo e desenvolvendo sua cognição e sua socialização. Dessa forma é essencial proporcionar às crianças a oportunidade de brincar de modo a beneficiar o seu pleno emocional, afetivo, social, cognitivo e psicomotor.

Para o desenvolvimento desse artigo foi realizado um estudo bibliográfico (livros, artigos e pesquisas), buscando autores relevantes do campo educacional, e que fazem referências ao desenvolvimento social e cognitivo da criança através do brincar. Foram realizadas também, entrevistas com quatro mães que tem crianças na faixa etária de 02 a 12 anos residentes em diferentes contextos, sendo duas mães do município de Santa Bárbara/MG e duas mães do Município de Belo Horizonte/MG.

As mães selecionadas para a entrevistas foram escolhidas entre os contatos da pesquisadora e partiu da hipótese de que os efeitos da pandemia sobre as crianças e suas implicações sobre o brincar infantil, podem se manifestar de formas distintas no contexto de uma cidade do interior e uma capital.

A partir dessa pesquisa conseguimos agregar dados concretos que nos permitiram exemplificar os efeitos da pandemia sobre o público infantil, sobretudo no tema que nos interessa: as possibilidades do brincar.

Para iniciar o processo de entrevista, foi assinado o TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido), logo em seguida as entrevistas foram realizadas em ambiente virtual, especificamente por meio do Google Meet. Para a gravação das entrevistas seguimos um roteiro semiestruturado, tomando cuidados pré-estabelecidos no Ofício circular 02/2021 do Ministério da saúde, que contém as orientações para pesquisa em ambiente virtual de modo a preservar a identidade, a segurança e saúde das convidadas.

O artigo apresenta cinco pontos principais. Iniciamos discutindo a importância do brincar como atividade presente na infância desde os tempos antigos, a brincadeira como ferramenta pedagógica e direito da criança.

Em seguida buscamos refletir sobre o conceito do brincar segundo autores contemporâneos, clássicos e documentos oficiais. Partindo dessa ideia relacionamos o brincar na educação infantil, trazendo o conceito da educação infantil e a brincadeira com ferramenta pedagógica. Abordamos também os efeitos do isolamento social no comportamento e nos sentimentos das crianças, além das mudanças nas formas de brincar. Para finalizar trazemos o depoimento das mães referentes aos efeitos da pandemia sobre o brincar de seus filhos.

A pandemia do COVID-19 e a necessidade de manter distanciamento social tem sido um momento cheio de desafios em todas as esferas. No campo educacional o distanciamento social afeta não apenas o contexto escolar, mas também a dinâmica interna das famílias mudando a rotina de todos e interferindo no comportamento das crianças, uma vez que com fechamento das escolas as crianças perderam espaço lúdico para brincar e se socializarem.

Logo, o presente artigo é fruto do Trabalho de conclusão de Curso – TCC da disciplina de Monografia-EDU 381 do curso de Pedagogia (Licenciatura) da Universidade Federal de Ouro Preto, sob responsabilidade da Professora Dra. Rosa Maria da Exaltação Coutim e orientação da Professora Dra. Liliane dos Santos Jorge, como requisito para obtenção do título de Pedagogo(a).

POR QUE BRINCAR?

Historicamente o brincar sempre existiu na antiguidade, as crianças participavam das mesmas festas e brincadeiras que os adultos. Conforme expõe Ariés (1981, p.94)

“nessa época o trabalho não ocupava tanto tempo do dia nem tinha o mesmo valor existencial que lhe atribuímos neste último século”.

Desde a época da educação greco-romana, segundo Gisela Wajskop (2012) o brincar já era visto por alguns filósofos como algo inserido na educação. Vial *apud* Wajskop (2012, p.19) menciona que já na Antiguidade no ensino das crianças, utilizavam-se recursos como dados, doces e guloseimas em forma de letras e números. Sendo que a importância da educação sensorial nesse período determinou, portanto, “o uso do “jogo didático” por professores das mais diferentes áreas, como Filosofia, Matemática, Linguagem e outras; ligando então o estudo ao prazer”.

Ao brincar as crianças tornam-se mais confiantes, experimentam o mundo, além de ficarem mais felizes e se divertirem. E ainda, melhoram suas relações sociais e familiares, controlam suas emoções, se sentem mais seguras, aumentam sua criatividade e autoestima criando, imaginando e recriando brincadeiras.

Os estímulos que a criança recebem dos pais no ato de brincar são fundamentais para seu desenvolvimento emocional e físico, além de construir sua identidade, linguagem, habilidades motoras e sociais. Os educadores e pais que respeitam a necessidade da criança de brincar estarão construindo, portanto, os alicerces de uma adolescência mais tranquila ao criar condições de expressão e comunicação dos próprios sentimentos e visão do mundo (OLIVEIRA, 2014).

Temos várias razões para destacar a relevância do brincar, visto que a brincadeira é uma importante ferramenta no desenvolvimento infantil. A brincadeira possibilita a aprendizagem, facilita a construção da autonomia e da criatividade. Colabora para o desenvolvimento físico, social, afetivo, emocional e cognitivo da criança. De acordo com Vygotsky (1991, p.117), na brincadeira, “a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário; no brincar é como se ela fosse maior do que ela é na realidade”. O autor destaca ainda que a criança ao nascer, já está imersa em um contexto social, e a brincadeira se torna importante para ela justamente na apropriação do mundo, na internalização dos conceitos desse ambiente externo. Sobre uma perspectiva sociocultural acerca da importância do brincar, Wajskop (2012, p.31) expõe que:

A criança desenvolve-se pela experiência social, nas interações que estabelece, desde cedo, com a experiência sócio-histórica dos adultos e do mundo por eles criado. Dessa forma, a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar e recriar a experiência sociocultural dos adultos.

Em consonância, o brincar é um direito da criança garantido por lei, sendo que a Constituição Brasileira e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também asseguram esse direito, nos artigos 4º e 16º da Lei nº 8.069/1990. Em documentos internacionais destacamos, a Convenção sobre os Direitos da Criança (1989), no Art. 31, que traz o direito da criança ao descanso e o lazer, brincando a criança expressa seus desejos e vontades, e quanto mais oportunidades de brincar a criança tiverem, mais fácil será o seu desenvolvimento (UNICEF, 1989).

Na educação infantil o brincar pode cumprir uma função pedagógica e ampliar o repertório vivencial e o conhecimento da criança, favorecendo também o desenvolvimento da autonomia e do senso de cooperação. Brincando, a criança pode exercer o sua posição social. Como diz Wajskop (2012, p.41):

A brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil onde o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos, exatamente pela possibilidade de interação entre os pares em uma situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos.

E firmando a importância das brincadeiras o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) retrata que:

Por meio das brincadeiras os professores podem observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em conjunto e de cada uma em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como de suas capacidades sociais e dos recursos afetivos e emocionais que dispõem (BRASIL, 1998, p.28).

Portanto é necessário entender que a brincadeira tem uma função essencial na vida das crianças, tanto no âmbito escolar quanto no meio familiar, pois a criança não aprende só na escola. “A experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança” (BORBA *et. al.*, 2007, p.34), partindo dessa ideia é importante destacar que o papel da família e da escola deve ser complementar, pois, as crianças aprendem em todos os momentos e espaços, brincar faz parte da vida das crianças independente de época ou classe social.

BRINCAR: ASPECTOS CONCEITUAIS

Brincar significa alegrar-se com brincadeiras e jogos infantis com finalidade lúdica ou com regras. A infância é marcada pelo brincar, esse ato faz parte do cotidiano da criança e permite que ela vivencie o lúdico, aumentando o seu potencial criativo, desenvolvendo sua cognição e socialização. Vygotsky (1991, p. 37) conceitua:

O brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

A brincadeira é uma atividade que a criança começa desde seu nascimento, segundo Borba *et. al* (2007, p.36) “ não é algo já dado na vida do ser humano, ou seja, aprende-se a brincar, desde cedo, nas relações que os sujeitos estabelecem com os outros e com a cultura. O brincar envolve múltiplas aprendizagens”. Através desse contexto, sabemos que a criança não nasce sabendo brincar, ela precisa de estímulos para desenvolver essa habilidade. Inicialmente o brincar não tem uma finalidade educativa, pois é uma ação livre que surge a qualquer hora, sendo que o principal objetivo nessa fase é proporcionar prazer, pois não exige um produto final. O Referencial Curricular Nacional para a educação Infantil traz o brincar com uma atividade lúdica que pode e deve ser desenvolvida na escola, já que permite a criança se desenvolver em diversos aspectos.

O brincar apresenta-se por meio de várias categorias de experiências que são diferenciadas pelo uso do material ou dos recursos predominantemente implicados. Essas categorias incluem: o movimento e as mudanças da percepção resultantes essencialmente da mobilidade física das crianças; a relação com os objetos e suas propriedades físicas assim como a combinação e associação entre eles; a linguagem oral e gestual que oferecem vários níveis de organização a serem utilizados para brincar; os conteúdos sociais, como papéis, situações, valores e atitudes que se referem à forma como o universo social se constrói; e, finalmente, os limites definidos pelas regras, constituindo-se em um recurso fundamental para brincar. Estas categorias de experiências podem ser agrupadas em três modalidades básicas, quais sejam, brincar de fazer-de-conta ou com papéis, considerada como atividade fundamental da qual se originam todas as outras; brincar com materiais de construção e brincar com regras (BRASIL, 1998, p.28).

Para Vygotsky (1991), o brincar proporciona a construção do pensamento, e desenvolve capacidades potenciais por meio de dois níveis de desenvolvimento, o efetivo e o potencial. O nível efetivo consiste no que a criança realizar sozinha como fazer gestos,

sons e se expressar. Já o nível potencial, consiste em ações a qual a criança só é capaz de fazer mediada por outras pessoas, ou seja, são funções que ainda não amadureceram, mas que através da imitação e utilização de objetos vai possibilitando um amadurecimento e desenvolvimento da criança. Assim, Vygotsky (1991, p. 70) afirma que “a essência do brincar é a criação de uma nova relação entre o campo do significado e o campo da percepção visual, ou seja, entre situações no pensamento e situações reais”.

Deste modo, compreendemos que o brincar ajuda no desempenho da aprendizagem, oferece momentos fantásticos e divertidos, além de colaborar na interação com outras crianças. No documento da Base Comum Curricular (BNCC) é exposto que:

[a] interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BRASIL, 2017, p.37).

Kishimoto (2002, p. 139) “acrescenta que a brincadeira é uma atividade que a criança começa desde seu nascimento no âmbito familiar”. De Queiroz *et. al* (2006) completa que o estímulo para o brincar e para as brincadeiras acompanha as crianças por toda a infância e se destaca de formas variadas em cada fase. “A brincadeira das crianças evolui mais nos seis primeiros anos de vida do que em qualquer outra fase do desenvolvimento humano” (DE QUEIROZ *et. al*, 2006, p. 170).

Podemos considerar o brincar uma forma de cultura e expressão da infância. No contexto escolar, a partir dessa atividade, a criança constrói conhecimentos associados à prática, às vivências passadas em concepções do futuro, e se faz indispensável para as vivências das crianças na sociedade em que estão inseridas.

O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação Infantil é a etapa da educação básica destinada ao processo inicial de socialização da criança, é uma das fases mais importantes para o desenvolvimento das crianças, em diversos aspectos como intelectual, emocional, social e motor. A função da educação infantil é possibilitar a vivência das crianças em comunidade, tornando-as capazes de respeitar, de acolher e viver com as diferenças. A Lei de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9.394/1996, no Artigo 29, defende a educação infantil como primeira etapa da educação básica, tendo como objetivo “o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996). Na referida Lei, as instituições que atendem as crianças de 0 a 5 anos são denominadas de creches e pré-escolas e diferenciadas exclusivamente pelo critério da faixa etária, ou seja, creche para às crianças de 0 a 3 anos de idade e pré-escola às crianças de 4 a 5 anos.

Na creche e na pré-escola o desenvolvimento cognitivo da criança se dar através das contribuições das brincadeiras, além de ser um instrumento de aprendizagem, pois quando ela brinca, tem maior visão do mundo. Ao brincar livremente no seu nível e da sua maneira esta expressando, sentimentos, ideias, fantasias, relacionando o real e o imaginário. A brincadeira como instrumento de aprendizagem ajuda a criança raciocinar, descobrir, persistir e aprender.

As interações e brincadeiras são apontadas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) como eixos norteadores do currículo. A brincadeira em si é um momento propício as interações, durante a brincadeira as crianças chamam umas as outras, ou vão agregando nos grupos no decorrer das ações que estão sendo construídas. Tais diretrizes apontam que as crianças são seres históricos e de direitos, e por meio das interações, das práticas cotidianas e das relações que elas vão construindo sua identidade, tanto individual quanto coletiva, pois elas brincam, imaginam, aprendem, possuem desejos, experimentam, perguntam, observam e dão sentido para a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

A relevância do brincar esta mantida no documento vigente que orienta a organização curricular para a educação infantil a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), e é um direito que eleva à condição da aprendizagem. Conforme a BNCC o projeto pedagógico para as crianças da educação infantil deve contemplar a garantia de seis direitos, são eles: “conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se” (BRASIL, 2017, p.38). O brincar na educação infantil possibilidades para a criança explorar criar, se expressar, interagir com o ambiente que a cerca e com os outros.

Ao pensarmos no ambiente escolar, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, define o ato de brincar como uma atividade fundamental para o desenvolvimento da autonomia a criança, brincando a criança desenvolve importantes capacidades tais como atenção, imitação, memória, imaginação e amadurem algumas

capacidades de socialização. De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 28):

As brincadeiras de faz de conta, os jogos de construção e aqueles que possuem regras, como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais, didáticos, corporais etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica.

Nas brincadeiras de faz de conta às crianças aprendem a colocar em prática seus gostos, seus interesses e suas habilidades, a criança também constrói sua autoestima quando descobre que pode ser qualquer coisa através da sua imaginação. Fazer de conta que é outra pessoa ou até animais e seres mágicos, as crianças também experimentam a interpretação de papéis. Portanto, quando a criança finge ser um personagem diferente, ele tem a experiência de se colocar no lugar do outro, o que ajuda a ensinar a importante habilidade de empatia.

O ISOLAMENTO SOCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: COMO FICAM AS CRIANÇAS?

Desde o primeiro trimestre de 2020, o Brasil assim como todo o planeta, vem vivendo um momento atípico por causa de um vírus que se originou no território chinês, vírus esse que foi cientificamente identificado como SARS-COV-2, causador da doença Covid-19, acrônimo em inglês de Coronavírus Disease 2019 (SENHORAS, 2020), e que rapidamente desencadeou uma pandemia impactando a realidade humana em suas diferentes dimensões e complexidades.

O vírus é transmitido pelo contato com outras pessoas ou por objetos contaminados, o contágio mais comum se dá através de apertos de mãos, tosse, espirros, objetos ou superfícies contaminadas como celulares, mesas, talheres, brinquedos, etc. Existem os grupos de risco, que são integrados pelas pessoas mais suscetíveis a desenvolver quadros graves da doença, tais como: portadores de doenças crônicas, pessoas acima de 60 anos, grávidas e puérperas.

As crianças, apesar de uma manifestação clínica mais branda da doença, quando são infectadas com o novo Coronavírus podem apresentar um histórico de exposição familiar ou nas atividades escolares ou recreativas com outras crianças. A maioria das crianças que são infectadas pode ser assintomática, podendo ser transmissoras da doença

para familiares e outras crianças.

Na tentativa de reduzir a disseminação do novo Coronavírus, por meio de decretos nacionais, estaduais e municipais, medidas de distanciamento social foram adotadas em todo o mundo como estratégia para evitar o contágio. Porém, serviços essenciais como o sistema de saúde, mercados, farmácias, bancos, entre outros, foram mantidos em funcionamento, desde que dedicassem atenção redobrada aos cuidados de prevenção como o uso de máscaras e do álcool gel e redução do número de frequentadores por vez, evitando aglomerações dentro destes estabelecimentos. Diante disso,

uma nova realidade passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, já que o mundo mudou completamente. O que era rotina como ir à escola, ao trabalho, ou simples práticas do dia a dia tiveram que ser reinventadas, algumas passando a ser proibidas para evitar o contágio das pessoas.

A pandemia da Covid-19 trouxe consequências não apenas para os setores da saúde, mas inclusive nas esferas políticas, culturais, sociais e econômicas, em que diversos estabelecimentos precisaram reduzir suas operações, demitindo funcionários, reduzindo salários, etc. Com isso, inúmeros âmbitos foram atingidos entre eles, a Educação. Após a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciar a pandemia, o Ministério da Educação passou a estabelecer medidas de prevenção para evitar a transmissão da Covid-19 nas escolas. As medidas tomadas afetaram diretamente adolescentes e crianças, com o fechamento das escolas e conseqüentemente da falta de convívio com, seus pares de idade e a falta de espaço lúdico para brincar e se socializarem. O ensino remoto que foi imposto pelas medidas de isolamento social devido à Covid-19 tem se mostrado um desafio para todos os níveis de ensino, em especial, para a educação infantil¹.

Com o fechamento das escolas, muitos administradores escolares passaram a buscar recursos para dar continuidade às atividades educativas. As escolas aderiram ao ensino remoto, utilizando plataformas digitais, e as tecnologias se tornaram indispensáveis ferramentas estimuladoras das atividades educacionais, e importantes instrumentos para manter o diálogo e o vínculo afetivo entre os pais, crianças e professores.

As escolas tiveram que se adaptar ao novo formato de ensino, sendo também um desafio aos docentes que precisaram reinventar a forma de dar aula e lidar com as crianças, este desafio é ainda maior no âmbito da educação infantil, diante da

¹ Lei n.14.040/2020, que estabeleceu normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o Estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo n.06/2020.

importância que as relações pessoais face a face têm nos primeiros momentos de aprendizagem, uma vez que esta é a fase das interações, brincadeiras, descobertas, movimentos e trocas.

Sabendo dessa importância, deve-se refletir sobre como esse momento de distanciamento pode comprometer as brincadeiras como eixo estruturador do desenvolvimento infantil, uma vez que o brincar possibilita às crianças oportunidades de experimentar o mundo, elaborar sua autonomia e organizar suas emoções.

Um estudo preliminar publicado na China (província de Shaanxi), durante o início da pandemia naquele país, sugere causas e possibilidades de surgimento de distúrbios comportamentais e emocionais em crianças e adolescentes, decorrentes do contexto pandêmico (JIAO, *et. al*, 2020).

Crianças não são indiferentes aos dramáticos impactos da pandemia de Covid-19. Elas vivenciam medos, incertezas, isolamento físico e social. Elas podem ficar sem a escola por um período prolongado. Compreender suas reações e emoções é essencial para atender adequadamente às suas necessidades. (JIAO *et. al*, 2020, p.265)

O estudo realizado na província de Shannxi mostrou que os sintomas mais frequentes manifestos durante a pandemia em crianças pequenas, entre 3 e 6 anos de idade, são apego excessivo aos adultos e medo de que seus familiares contraiam a doença. Sobre os locais onde moram as crianças e sua influencia nos distúrbios emocionais, dizem os pesquisadores chineses.

As taxas de medo, ansiedade e outras emoções são maiores em crianças que residem em áreas altamente epidêmicas; entretanto, as diferenças entre áreas identificadas por diferentes níveis de risco epidêmico não são estatisticamente significantes (JIAO *et.al*, 2020, p.265).

É importante pensar nos transtornos que podem surgir devido à falta de oportunidades para brincar na fase da infância. Dentre as reações emocionais e alterações comportamentais frequentemente apresentadas pelas crianças durante a pandemia, destacam-se: “ dificuldades de concentração, irritabilidade, medo, inquietação, tédio, sensação de solidão, alteração nos padrões de sono e alimentação” (BRASIL, 2020, p. 4).

Diante desse contexto se torna necessário identificar como a criança compreende a pandemia da Covid-19, o isolamento social, a mudança na rotina e principalmente a falta do brincar. Deve-se levar em consideração o grupo de crianças mais vulneráveis com toda essa mudança, como por

exemplo, as crianças com deficiências, as que já apresentavam transtornos, as que vivem em pobreza, as que possuem moradias precárias. Outros fatores que tornam as crianças ainda mais vulneráveis ao estresse adicional causado pelo desemprego e dificuldade financeira da família, violência, alcoolismo, doenças e mortes de pessoas próximas.

Notou-se um aumento significativo na violência doméstica durante esse período de pandemia, com o fechamento das escolas, o funcionamento parcial dos serviços de defesa dos direitos das crianças e adolescentes, com o convívio maior das famílias, a sobrecarga de trabalho, o estresse dos pais devido ao aumento de tarefas, o desemprego e o momento que estamos vivendo, tudo isso aumentou as tensões nas famílias. As crianças também podem ficar mais irritadas devido às restrições de mobilidade, pela falta dos colegas, podendo acarretar em um comportamento agressivo. Esses fatores podem acarretar na violência doméstica.

De acordo com a pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Educação Infantil (NEPEI)² da Universidade Federal de Minas Gerais buscou compreender como as crianças de 8 a 12 anos vivenciam Covid-19, por meio da análise das experiências e dos sentimentos despertados durante o isolamento social, os objetivos específicos foram analisar as rotinas, relações sociais e experiências das crianças. As crianças foram ouvidas através de questionário online, pela troca de mensagens, desenho, fotografias e entrevistas realizadas com a utilização de recursos a distância.

Os estudos do NEPEI, apontaram que 89% das crianças estão cumprindo o isolamento social e, apenas 4% das crianças responderam não a esta questão (SILVA, *et.al*, 2021). Os resultados do estudo destacam também que as principais preocupações das crianças durante o período pandêmico foram o adoecimento de familiares (93,3%) o reencontro com os amigos (89,7%), o adoecimento próprio (88,8%), a pobreza e o desemprego de familiares (80%), e a falta de alimentos em casa e no supermercado (74%). As crianças expressaram conhecimento sobre a pandemia, suas causas e consequências, e a responsabilidade coletiva necessária para seu enfrentamento da Covid-19 (SILVA, *et.al*, 2021).

A pesquisa também mostrou quais as atividades mais frequentes entre as crianças em isolamento social são, “jogar virtualmente sozinho ou com amigos”, (63,2%), e também as que obtiveram menor frequência que foram “a prática de esporte, danças ou atividades físicas”

² Pesquisa coordenada pelos seguintes pesquisadores: Isabel de Oliveira e Silva; Iza Rodrigues da Luz; e Levindo Diniz Carvalho, ambos da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

(22,4%), e a “leitura de livros ou revista que não eram obrigatórios da escola” (20,7%) (SILVA, *et.al*, 2021).

Dados do 4º painel do varejo de livros no Brasil mostra que em 2020 entre os meses de março e abril houve um aumento nas vendas online de livros físicos. Já a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil registrou que a plataforma Estante Virtual, que reúne sebos e livrarias de todo o país, aumento de 50% em abril, em comparação ao mesmo mês do ano passado (BARBOSA, 2020), com o isolamento os hábitos mudaram e as famílias estão lendo mais.

Considerando alto percentual de crianças que estão jogando virtualmente e se for levado em conta o assistir televisão, séries e desenhos observa-se uma preocupante exposição das crianças às telas neste contexto de pandemia. Refletindo sobre as atividades corporais, que se mostram limitadas em função das condições de moradia, e restrições para o movimento físico, tão importante na manutenção da saúde e do bem-estar. As crianças que antes tinham as praças, parques e centros esportivos como opção para realizar as brincadeiras e atividades, estavam fechados, e as famílias se viram sem opção lazer e com os espaços limitados. E a população mais pobre foi afetada diretamente, às que vivem em comunidade viram os locais de brincar diminuírem com o início da pandemia.

As famílias mais pobres não puderam fazer o isolamento social, as crianças sem a escola ficaram mais expostas à violência. A sobrecarga de trabalho para as mulheres, atarefadas, e sem tempo para brincar com os filhos, acabam recorrendo às telas e costumam deixar os filhos assistindo televisão, jogando no celular ou tablet. Para essas famílias a pandemia acabou com uma parte do brincar, o brincar na escola um espaço seguro para deixar as crianças, onde o brincar esta ligado a educação e a socialização.

EFEITOS DA PANDEMIA SOBRE AS CRIANÇAS E O BRINCAR: O QUE DIZEM AS MÃES?

Para analisar as entrevistas realizadas, as mães participantes foram numeradas de 1 a 4, sendo as mães residentes em Santa Bárbara identificadas com os números 1 e 2 e mães residentes em Belo Horizonte identificadas com os números 3 e 4.

A mãe número 1 tem vinte e nove anos, é secretária em um consultório odontológico e durante a pandemia permaneceu trabalhando em horário comercial (08:00 às 18:00). Reside, juntamente com a mãe, o irmão e o filho de cinco anos, em uma casa

pequena e sem quintal em um bairro tranquilo que conta com espaços para socialização, entre eles quadras e praças.

A mãe número 2 tem quarenta e cinco anos, assessora o marido em seu negócio de carretos e, durante a pandemia, está alternando esses compromissos com os afazeres da casa e a demanda escolar dos filhos. Tem uma filha de vinte e dois anos, um filho de onze e uma menina de sete anos. Reside em uma casa ampla, de quintal grande, num bairro afastado da cidade que não possui espaços públicos de lazer.

A mãe número 3 tem quarenta e três anos, trabalha como professora em uma instituição federal. Residia, juntamente com o marido e os dois filhos de treze e cinco anos, em um apartamento que não possuía área externa, portanto devido a necessidade de mais espaço durante o isolamento social, decidiu se mudar para uma casa em um condomínio na cidade de Nova Lima, MG.

A mãe número 4 tem quarenta e nove anos, também trabalha como professora em uma instituição federal, tem uma filha de onze anos que possui diagnóstico de TDAH (Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade) e durante a pandemia assumiu os cuidados com a mãe, acometida pela doença de Alzheimer. Residia em um apartamento espaçoso para os padrões de sua cidade, mas assim como a mãe número 3, seu apartamento não possuía áreas externas o que contribuiu para a sua decisão de se mudar para uma casa em um condomínio na cidade de Amarantina, MG.

A seguir apresentaremos o conteúdo das entrevistas, categorizados nos cinco tópicos: o reconhecimento da importância do brincar pelas mães; a escola e o brincar: antes e durante a pandemia; o isolamento social e os impactos no comportamento e na rotina das crianças; o brincar e as alterações em tempo de pandemia: modos, espaços e formas e Estratégias criadas pelas famílias para garantir o direito ao Brincar.

O RECONHECIMENTO DA IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PELAS MÃES

A partir dos relatos feitos foi possível observar que todas as mães entrevistadas reconhecem a importância do brincar e o papel essencial da brincadeira na vida das crianças, tanto no meio escolar quanto no meio familiar. Esse fato fica evidente em diversas falas, como verifica-se no excerto seguinte, no qual a mãe nº1 destaca a brincadeira como momento de aprendizagem, de canalizar e direcionar a energia física e mental do filho de cinco anos:

Eu acredito que toda criança precisa brincar, eu falo com ele que o emprego dele é brincar, que ele precisa brincar para desenvolver todas as habilidades que ele pode ter e também para descarregar toda aquela energia que as crianças têm e que muitas vezes fica acumulada. Nesse momento de brincar ele aprende muita coisa, né? (Entrevistada 1)

A mãe nº 3 reconhece e destaca a importância da brincadeira como momento no qual a criança aprende a negociar e resolver conflitos por meio da interação com os seus pares. Sobre seu filho de cinco anos ela diz:

Então, eu acho que a brincadeira é muito importante, por que ele começou a aprender com os seus colegas, na interação social, a entender as regras, os limites, às vezes briga, chora, tem conflito, aí tem que resolver esses conflitos e é importante porque ele entende que não pode resolver batendo, ele vai ter que dialogar com esse colega. (Entrevistada 3)

As mães nº2 e nº4 também demonstraram reconhecimento da importância do brincar para suas crianças. Verificou-se em seus depoimentos a importância que a brincadeira tem em promover e desenvolver a interação das crianças com as outras pessoas, como visto nos a seguir:

É muito importante porque eles aprendem brincando a dividir as coisas, eles aprendem a se comunicar com as pessoas, entre tantas outras coisas (Entrevistada 2)

Eu acho que o brincar é fundamental, proporciona o desenvolvimento de tudo que a gente descobre através no contato com o outro, das experiências sociais, da socialização que se dá na escola. (Entrevistada 4)

As mães nº1 e nº4, quando questionadas sobre a brincadeira nas rotinas de seus filhos, se mostraram cuidadosas em garantir estes momentos ao filhos, pensando nas repercussões positivas para a vida adulta dos mesmos, como veremos a seguir:

Então, eu pretendo com isso conseguir que ele seja uma pessoa que viveu o que tinha que viver enquanto criança, Eu espero que isso traga um pouco de leveza pra ele, que ele tenha boas lembranças na cabeça quando crescer. Quero também que ele tenha uma coisa que eu tive que é um prazer em aprender. Ele entender que tudo isso é um processo e que é bom, que não é negativo. Juntando isso à brincadeira, espero criar isso nele, pra quando ele crescer e for estudar, for fazer essas coisas da vida mesmo, ele veja que não é um dever, é uma coisa da vida, coisa que tem que fazer. (Entrevistada 1)

Eu quero que minha filha se torne uma mulher independente e realizada, capaz de fazer suas próprias escolhas independente de qualquer situação e isso ficou

mais forte a partir do momento em que ela se apresenta uma criança muito singular. Quero que ela consiga acreditar nela mesma e se torne uma mulher realizada e fazendo o que quer que seja que ela goste de fazer. (Entrevistada 4)

Todas as mães entrevistadas reconhecem portanto, a importância do brincar para seus filhos. Este estudo buscou entender ainda, como as mães percebem os efeitos desse momento de pandemia e de isolamento social para as crianças que não estão tendo condições apropriadas para brincar. A mãe nº 1 revela preocupar-se com esta questão não apenas em relação aos seus filhos, mas refere-se às crianças de maneira geral, demonstrando consciência de que na ausência das oportunidades de brincar, o tempo das crianças pode ser preenchido com tarefas e atividades inadequadas, como podemos observar no excerto a seguir:

Eu acho que essas crianças estão perdendo uma parte muito lúdica da vida delas, porque se essas crianças não estão brincando, elas estão fazendo o quê? Elas tão trabalhando? Não deveriam! Elas estão “aprontando”? Não deveriam! Elas estão cuidando dos irmãos mais velhos? Não deveriam! Se elas não estão brincando elas estão fazendo algo que não deveriam estar fazendo. Estão enfiadas na televisão, enfiados num celular. (Entrevistada 1)

A mãe nº 3 mostra-se preocupada com aspectos como o desenvolvimento da autoconfiança e da autonomia das crianças durante o período do isolamento:

Nós vamos ter crianças talvez mais inseguras, acho que prejudica muito essa questão da autonomia da criança, tomar decisões, fazer escolhas, também prejudica muito a linguagem. (Entrevistada 3)

A mãe nº 4 também mostra-se preocupada com os possíveis entraves no desenvolvimento e na socialização das crianças em diferentes faixas etárias e a necessidade de agir sobre essa questão:

Eu acho que pode comprometer muito o desenvolvimento e a socialização dessa criança e também nos aspectos cognitivos e sociais que estão relacionados ao brincar. A escola vai ter que verificar como isso atingiu efetivamente as crianças nas suas mais diferentes faixas etárias e vamos ter que agir em relação a isso para ver o tamanho do estrago (Entrevistada nº4)

A ESCOLA E O BRINCAR: ANTES E DURANTE A PANDEMIA

Um dos objetivos deste estudo foi verificar, na visão das mães, os possíveis impactos da interrupção da vida escolar para a rotina de brincadeiras das crianças. Sendo assim, buscou-se entrevistar mães com filhos que tiveram experiências escolares antes da pandemia, para que fosse possível relacionar os aspectos do brincar na escola antes e durante o contexto pandêmico.

No que se refere à relação das crianças com as escolas durante o ensino presencial, todas as mães entrevistadas responderam que seus filhos tiveram uma boa adaptação à escola que e gostavam de frequentá-la. As mães apontam a escola como organizadora da rotina diária das crianças, como destacamos nas palavras de uma delas:

Antes, ele passava metade do dia na escola, com outras crianças da idade dele e com regrinhas mais específicas: agora é hora disso, agora é hora daquilo... Lá em casa não tinha muito disso e ele de repente teve essa rotina quebrada numa casa que é pequena e com muitos adultos, não tinha crianças na verdade, então acho que mudou muito a rotina dele, foi como um baque! (Entrevistada 1)

O fechamento das escolas e a interrupção da rotina já estabelecida provocaram mudanças também na organização familiar. Com a necessidade do ensino remoto tornou-se preciso adaptar os filhos a esse novo formato de ensino e reorganização da rotina doméstica tornou-se um dos grandes desafios nesse momento, pois a escola, antes uma instituição separada fisicamente das famílias, passa a fazer parte da rotina da casa e conseqüentemente da rotina dos pais.

A mãe nº 2 ilustra esse momento de adaptação ao ensino remoto, que se deu de forma distinta para os seus dois filhos: um menino de 11 anos e uma menina de 7 anos. Para o menino, a exposição diante da câmera representou motivo de inibição, tornando-se um dificultador para a realização das atividades escolares:

Ela se adaptou direitinho, faz as aulas online, tudo certinho, só que pela vontade dela, ela estaria na escola. Ela conversa, fala que sente muita falta da escola, da professora, dos coleguinhas. Já ele tem vergonha, ele não gosta de aparecer na frente da câmera. Eu já até falei com os professores, que quando tiver que fazer um vídeo, é pra mandar uma outra atividade pra ele porque ele não gosta, mas ele é um menino inteligente (entrevistada 2)

As demais mães também deram informações de maneira a descrever a aceitação dos filhos quanto ao ensino remoto contribuindo para compreendermos melhor este contexto:

Acredito que por ser online, tá sendo mais difícil, ele não quer parar de assistir o desenho, ele não quer parar o que está fazendo para fazer as aulas. Eu acredito que isso se deve à falta do contato humano, que deixa um pouco mais frio.

Muitos dias ele chora porque não quer fazer as atividades, aí tem que começar com uma coisinha mais engraçadinha até ele pegar a vontade de fazer. A pandemia sempre tira um pouco de tudo, então da escola tirou essa parte, que é a parte humana, né? Mas as professoras têm feito um trabalho muito legal, tentar manter isso, a parte humana. (Entrevistada 1)

Se as mães nº 1 e nº 2 destacam fatores dificultadores para a adaptação da criança ao ensino remoto (inibição diante das câmeras e falta de motivação), a mãe nº 4 destaca possibilidades descobertas no contexto do ensino remoto para maior participação de sua filha nas atividades escolares. A mãe destaca que a filha, com necessidades específicas não atendidas pela escola no ensino presencial, teve oportunidade de se destacar diante da turma, no atual contexto. Sua filha foi diagnosticada com TDAH (Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade) e há dois anos esse diagnóstico se consolidou. Ela descreve a criança como muito inteligente e ativa e menciona o quanto sua filha se adaptou ao ensino remoto, chegando a citar a melhora da concentração e do seu desempenho escolar:

Minha filha se sentia muito excluída e diminuída quando era no ensino presencial, o ensino remoto têm mostrado para ela que ela é capaz, ela é massa, ela é inteligente! Então demanda mais tempo para se concentrar e fazer as coisas, o que em casa está mais fácil. Nesse sentido eu vejo que ela se encontrou nessa escola. Eu espero que no ano que vem, quando ela retornar no presencial não acabem com isso. (Entrevistada 4)

A mãe nº 3 descreve ter enfrentado desafios como a falta do tempo necessário para ensinar ao filho de cinco anos um novo formato de estudar e a preocupação quanto ao cansaço causado pela constante exposição às telas durante a realização das atividades. Descreve que o filho adaptou-se parcialmente ao ensino remoto, ainda que tivesse todos os recursos disponíveis, manifestando sempre o desejo de retornar à escola:

Foi um desafio ter que adaptar uma criança tão pequena ao ensino remoto. Foi muito complicado! Eu de fato não conseguia acompanhar completamente as aulas online com ele. Mas ele participa de todas as atividades sem resistência nenhuma, mesmo às vezes sendo um pouco cansativo por causa da tela, mas é uma questão, ele tem os recursos disponíveis, a internet funciona, o computador tá ali só para ele, então ele se adaptou bem, mas está louco para voltar para escola. (Entrevistada 3)

Com relação ao acompanhamento das aulas ministradas remotamente, observamos que no caso das duas mães residentes na capital (nº3 e nº4), ambas optaram pela contratação de professoras particulares para acompanharem os filhos durante as aulas. Elas justificam esta opção como necessária, uma vez que o trabalho de ambas, em home-office, impedia o pleno acompanhamento das crianças. Podemos relacionar esta

atitude ao fato das mães serem professoras e portanto, estarem mais voltadas para estas estratégias de acompanhamento da vida escolar dos filhos.

As mães residentes em Santa Bárbara não utilizaram dessa mesma estratégia para acompanhamento de seus filhos, buscaram se atualizar diretamente com as professoras do ensino remoto, por meio de aplicativos de mensagens ou ligação, para conseguirem tirar as dúvidas e garantir um apoio adequado para auxiliarem os filhos na realização das atividades solicitadas.

A questão fundamental desse estudo consistiu em compreender a questão do brincar no contexto da pandemia. Interessou-nos investigar a participação da escola neste processo, verificando se e como a instituição possibilitou/estimulou o brincar. Buscamos identificar as alterações na utilização do brincar como recurso pedagógico durante o ensino remoto, uma vez que o brincar é um direito de aprendizagem e desenvolvimento proposto pela Base Nacional Comum Curricular.

Com relação ao uso do brincar como recurso pedagógico, todas as mães entrevistadas demonstram satisfação com as atividades propostas pelas escolas, referindo-se positivamente ao apoio oferecido por escolas e professoras e ao relacionamento desenvolvido entre pais, escolas e docentes, durante este contexto. Observam-se, no entanto, divergências entre os depoimentos das mães quando questionadas sobre o papel das brincadeiras na proposta da escola. As mães nº1, nº 2 e nº 4 destacam que a ludicidade se faz mais presente nas aulas de Educação Física, porém pode estar presente nas aulas de outros conteúdos, conforme, observa-se nos seguir:

A brincadeira está presente principalmente nas aulas de educação física, mas a professora dele tem feito muitas brincadeiras com corda, com tinta, com bolinhas, com obstáculos, com danças e músicas. (Entrevistada 1)

Está presente sim, principalmente na Educação Física. Nas aulas de matemática, de português, sempre tem uma brincadeira de bingo, ou uma brincadeira de continha para aprender a fazer as contas, ela está presente sim! (Entrevistada 2)

Ela tem as brincadeira na educação física, o professor tenta fazer alguma coisa, pede que as crianças façam marcação no chão, pede que elas se movimentem, mas não existe uma brincadeira que envolva todas as crianças, as demais professoras realizam muitos quiz de atividades interessantes, mais lúdicas nos dispositivos móveis. (Entrevistada 4)

A mãe nº 3 reconhece a tentativa da professora de proporcionar momentos lúdicos às crianças, mas também ressalta as dificuldades para a realização destas atividades em função da indisponibilidade do adulto que acompanha a criança:

A professora até faz alguns jogos, tem muitas histórias, mas brincadeiras ela não faz e eu vou te falar que eu entendo porque ela não faz. É muito difícil porque às vezes o adulto que está do lado acompanhando não quer brincar (entrevistada 3)

Outro fato observado foi a necessidade que as famílias tiveram de se reorganizar para dar conta dessa nova demanda. Esta reorganização interna não se limitou a mudanças de horários, alteração da rotina familiar ou a contratação de terceiros para acompanhamento escolar. As reorganizações familiares chegaram mesmo a incluir mudança de residência e de cidade, no sentido de favorecer a adaptação das crianças aos novos contextos instaurados a partir da pandemia.

As duas mães residentes em Belo Horizonte decidiram se mudar de cidade, buscando cidades menores, no entorno. Um dos fatores motivadores dessa decisão foi justamente a falta de espaço para as crianças brincarem, conforme descrito a seguir:

Se fosse só eu, meu marido e meu filho mais velho, talvez eu estaria quietinha no apartamento que eu tinha lá em BH até hoje, mas para o meu caçula não estava bom. Então a gente decidiu mudar para outro lugar, uma casa. A gente achou uma casa num condomínio em Nova Lima e aqui a vida dele mudou completamente porque agora a gente mora numa rua lotada de crianças, a gente conhece as outras famílias do condomínio, sabemos que eles estão se cuidando... então, as crianças brincam na rua, porque não tem perigo mesmo, a rua é sem saída. (Entrevistada 3).

Também a mãe nº 4 declarou a necessidade de se mudar de um apartamento em Belo Horizonte, tendo optado por uma casa na região de Ouro Preto.

Eu resolvi colocar em prática esse projeto que eu já tinha, de morar mais perto do meu trabalho e a pandemia só agilizou um pouco os meus planos porque estava muito difícil ficar com uma criança pequena dentro de um apartamento. Ela não podia brincar, porque até o barulho dos passos dela no apartamento, incomodavam os vizinhos do andar de baixo. O prédio não tinha playground e na garagem os vizinhos tinham medo das crianças arranharem os carros. (Entrevistada 4)

Com relação ao contexto da cidade de Santa Bárbara, não se observou essa necessidade da mudança de moradia porque, segundo as duas mães entrevistadas, suas crianças têm espaço para brincar, mesmo que na rua. As duas mães (nº1 e nº 2) residem em bairros tranquilos da cidade, o que permite que as crianças disponham de espaço para brincar dentro ou fora de casa, conforme observado nos excertos a seguir:

Minha casa é pequena com muitos adultos, não tem crianças na verdade, mas eu moro num bairro tranquilo aqui na minha cidade. Aqui nós temos praças que eles podem brincar, nós temos quadras, tem também muitas crianças que brincam na rua. Todo mundo conhece todo mundo, então acaba que é bem mais

seguro que outros lugares da minha cidade né, ou até uma cidade grande.
(Entrevistada 1)

Como visto a mãe nº1 relata ter pouco espaço em casa, mas com muitos espaços sociais no bairro em que mora, o que diverge da mãe nº 2 que não possui esses espaços sociais, mas em contrapartida dispõe de um grande quintal para que os filhos brinquem.

O bairro aqui é bem tranquilo, é um pouquinho afastado do centro mas é bem tranquilo. Aqui não tem quadra, não tem parquinho, a única diversão das crianças daqui é brincar de bicicleta na rua e tem uma árvore um pouco pra frente da minha casa, em que eles fizeram uma gangorra onde eles se reúnem para brincar, mas isso diminuiu bastante porque está todo mundo com medo, mas aqui em casa tem muito espaço no quintal. (Entrevistada 2)

As duas mães (nº1 e nº2) residentes no contexto interiorano demonstraram empatia, ao reconhecerem as dificuldades vivenciadas por crianças em uma metrópole, conforme observado na fala de uma delas:

A criança tem que brincar! Aí você imagina uma criança presa em um apartamento, sem poder brincar, a criança fica ansiosa, a criança fica nervosa. Os meus mesmo tendo espaço de sobra pra brincar, tem hora que já é difícil. Você imagina uma criança dentro de um apartamento sem poder fazer nada.
(Entrevistada 2)

A mãe nº 4 também mostra que apesar dos desafios enfrentados, reconhece os privilégios da filha, por estar inserida em uma família favorecida economicamente:

Eu tenho o privilégio de ter minha filha protegida e continuando a estudar e é uma condição muito privilegiada a dela, por que ela não dependia da escola para alimentar e nem escapar da violência. Então eu posso dizer que nesse aspecto eu fico grata por termos essa condição, mas tem muitas crianças no Brasil e no mundo que não tem a mesma condição, se alimentando na escola, se aproveitando e escapando da violência, tanto da comunidade em que vive, quanto daquela que está nos seus lares. (Entrevistada 4)

As duas mães de Belo Horizonte (nº3 e nº4) tem seus filhos matriculados em escolas particulares e relataram a necessidade de mudança de escola por não estarem satisfeitas com o trabalho remoto desenvolvido pela escola, elas citam a incompatibilidade com o esquema de ensino virtual e a interferência de outros pais durante as aulas, conforme os excertos a seguir:

Eu tive que mudar ele de escola, até porque na outra eu não estava me adaptando muito ao esquema deles online, então optei em colocar ele na mesma do meu filho mais velho. Agora a escola me dá muito apoio no sentido de... eu sei muito bem como as coisas estão funcionando, existe uma rotina de

trabalho, então eu sei quais ele tem que fazer, que ele tem que cumprir.
(Entrevistada 3)

Eu venho de uma experiência anterior terrível, monstruosa para te dizer a verdade. Eram apenas cinco crianças na turma, mas eu vi coisas incontáveis acontecendo com essas crianças durante a aula online a ponto de eu virar para minha filha e dizer para desligar o computador pois ela não iria participar daquilo, não era nem a professora, eram os pais que torturavam os filhos em tempo real para eles participarem da aula, uma coisa difícil de ver.
(Entrevistada 4)

As mães residentes em Santa Bárbara têm seus filhos matriculados em escolas públicas e não mencionaram descontentamento com as escolas.

Se, por um lado as mães relataram dificuldades para adaptar as crianças ao ensino remoto e para acompanhar as atividades escolares dos filhos, por outro lado, destacam como ponto positivo o fato de sentir maior proximidade com as crianças durante esse momento de isolamento social, levando à família a buscar momentos prazerosos:

Olha, eu acho que eu me sinto hoje mais próxima aos meus filhos, porque estar no mesmo espaço, por ter mais tempo, isso te aproxima dos seus filhos e você observa coisas que não via antes, porque ele estava na escola ou estava com a avó e você trabalhando, se virando na rua. A gente teve que começar a fazer mais coisas só os quatro, antes tinha um monte de gente ao redor. Agora a gente consegue reunir os quatro, ter um momento de muito prazer, não que não existisse antes, mas agora acho que existe mais. (Entrevistada 3)

Essa aproximação percebe-se também com relação à mãe nº 1 que diz: “Um fim de semana que eu poderia deixar ele com minha mãe para fazer alguma coisa fora, agora eu fico com ele, até por que não tem pra onde ir.” (Entrevistada 1)

O ISOLAMENTO SOCIAL E OS IMPACTOS NO COMPORTAMENTO E NA ROTINA DAS CRIANÇAS

Todas as mães envolvidas nesse estudo relataram que suas crianças entendem o que é a pandemia, compreendem que existe um vírus que causa uma doença e demonstram saber o motivo do isolamento social e das medidas de proteção. Conforme dito anteriormente, estudos realizados durante a pandemia já revelam as consequências do isolamento social para as crianças e tais consequências podem ser observadas também nesse estudo, no qual as mães relatam que as crianças demonstraram sinais de tristeza, apatia, irritabilidade e ansiedade:

Eu tenho notado que ele tem andado muito ansioso, tenho reparado um traço de ansiedade muito grande nele que eu não via antes, tudo pra ele tá devagar

demais porque ele está muito acelerado. Então eu acho que a relação dele com o tempo ficou distorcida, se fosse para fazer aquele macarrão de três minutos para o ele estava demorando demais, se você tinha que trocar de roupa para ir pra um lugar estava demorando demais. (Entrevistada 1)

Tem dias que ela está bem quietinha, às vezes muito chorona, por que não pode estar saindo, não pode ir na casa do coleguinha brincar, não pode ficar brincando na rua, não quer saber de nada e fica no cantinho dela. Ele da mesma forma, ele fica mais na televisão, no celular, as vezes fica irritado, coisa que ele não era, fica muito bravo com qualquer coisa, fica brigando. Antes a rotina era levantar de manhã, ir pra escola, chegar meio dia, almoçar, descansar um pouquinho, fazia as atividades e o resto do dia era pra brincar, ou que seja aqui, ou que seja na rua, ou na casa de algum coleguinha. Às vezes a gente mesmo ia brincar com os meninos na rua né ou as mulheres saiam pra bater papo e essa rotina mudou. (Entrevistada 2)

Ele deixou de ir para escola, tinha natação e não ia mais, tinha muitos encontros com os amiguinhos do colégio e também deixou de ir, não encontrava os avós, os primos que também era muito frequente. Então ele ficou muito trancado, sozinho, assistindo televisão ou no videogame e então ele começou a entristecer. (Entrevistada 3)

Quando nós estávamos no apartamento, eu percebia ela mais desorientada, mais agitada e a grande queixa dela é a falta de ter com quem brincar, ela pedia com muita insistência um irmão. Como ela é filha única é normal querer mesmo, mas durante a pandemia isso voltou de uma maneira muito intensa (Entrevistada 4)

Quando questionadas sobre a necessidade de algum cuidado especializado em função dessas essas alterações de comportamentos, as duas mães de Belo Horizonte relataram que a mudança de residência foi suficiente para contornar essa situação; uma mãe de Santa Bárbara nos informou que ainda está na fase de observação da criança e a outra cita que contorna essa situação com muita conversa e atenção.

O BRINCAR E AS ALTERAÇÕES EM TEMPO DE PANDEMIA: MODOS, ESPAÇOS E FORMAS

Uma vez que não estão indo às escolas, nem podendo se juntar aos amigos para brincar, como as crianças têm lidado com estas restrições? O que tem sido alterado em seus hábitos e rotinas?

A principal alteração mencionada pelas mães no que se refere aos modos de brincar e suas possibilidades foi o aumento da exposição das crianças às telas, uma vez que elas perderam condições primordiais para a realização dessa atividade, como as companhias e o principal local de interação entre elas: as escolas.

Duas mães (nº 2 e nº3) relataram que seus filhos ficam em média 8 horas por dia expostos a telas de celular, televisão ou vídeo game, entre as atividades citadas estão

assistir filmes na TV ou em plataformas de streaming como a Netflix, acesso a redes sociais, jogos e canais do Youtube. Nesse aspecto, os relatos das mães se assemelham ao reconhecer os prejuízos desse uso prolongado do celular. A mãe nº2 reconhece que mesmo sabendo dos prejuízos para o filho de dez anos, acaba permitindo esse uso devido à falta de locais e amigos para ele brincar.

Ah, porque o que ele vai fazer? Já não tem escola para ir ficar indo, já faz as atividades, aí brinca um pouquinho, às vezes vem e come alguma coisa, às vezes liga a televisão, as vezes fica no celular, é complicado. (Entrevistada 2)

A mãe nº1 ainda complementa:

Bom, querendo ou não, o que ele mais gosta de fazer é jogar ou ficar na televisão, infelizmente, mas isso não é brincar, Ele fica muito na tela, isso é uma verdade porque para uma criança brincar com outra coisa, tem que ter alguém do lado dela. (Entrevistada nº 1)

A entrevistada nº 2, relata que seus dois filhos estão lidando de forma diferente com esta questão. Enquanto o menino de onze anos voltou-se para o celular e para os jogos eletrônicos, a menina de sete anos redescobriu o quintal, usando os animais de estimação, um cachorro e um gato como companhia.

Com essa falta de escola, ele fica mais na televisão e no celular, umas oito horas por dia, às vezes brinca de bicicleta. Agora ela brinca com os bichinhos dela e brinca no quintal mais do que de costume. Ela gosta de brincar de bicicleta, gosta de brincar com os cachorros e gatinhos dela, mas acaba usando muito a tela também. (Entrevistada 2)

A mãe nº 4 relata os pós e os contras no uso dos eletrônicos. Num primeiro momento, utilizados pela mãe como recurso de entretenimento da filha para que ela pudesse trabalhar, os eletrônicos passaram posteriormente a ser um problema, conforme pode-se observar a seguir:

Se por um lado, em algum momento, intencionalmente, eu entreguei o tablet, porque é a única coisa que fazia ela sossegar para eu trabalhar, e que eu acredito um monte de pais fizeram isso também, agora a nossa luta é justamente tirar essa vibe eletrônica da Netflix, televisão, tiktok, canais do youtube. (Entrevista 4)

ESTRATÉGIAS CRIADAS PELAS FAMÍLIAS PARA GARANTIR O DIREITO AO BRINCAR

Buscamos também nesse estudo, identificar estratégias usadas pelas famílias para criar oportunidades para o brincar durante o isolamento social.

A mãe nº 1 buscou apresentar novas possibilidades ao filho de cinco anos e chegou a alterar a organização espacial da casa, criando um cantinho de brincadeiras:

Estou estimulando brincadeira para ensinar que não se constrói um castelo de cima na última peça, pois ele tem que montar, o jogo da memória tem que organizar, jogos de dois tem que esperar a sua vez. Eu comecei a tentar fazer ele experimentar coisas diferentes por que ele era um menino que era muito acostumado a fazer as mesmas coisas, então experimentar pintar, experimentar pintar com tinta, experimentar pintar com giz, experimentar colorir, brincar de jogo da memória, brincar de montar com lego, pra fazer coisas diferentes, sabe? E fiz também um espacinho pra ele fazer as atividades e para ele brincar e o mais importante é que eu tento encaixar essa parte da brincadeira com as coisas do dia a dia que tem que ser feitas. (Entrevistada 1)

A mãe nº 3, em seu depoimento, permite-nos constatar a sobrecarga de trabalho que se colocou para as mulheres durante esta pandemia, ao conciliarem trabalho e cuidados com os filhos. Ainda assim, a mãe buscou maneiras de acompanhar a criança em seus momentos de lazer:

Aqui tem o cantinho da leitura, tem os livros, tem um local onde os brinquedos ficam todos ali, para que ele possa brincar no chão, mas é a noite quando eu termino, que eu consigo ficar com ele, e essa foi a estratégia que eu pensei, sabe? De chegar ali pelas seis horas, eu vou encerrando para conseguir dar atenção, às vezes eu estou tão cansada que eu me deito do lado dele no sofá, ele vê a televisão, mas eu fico do lado dele para ele não se sentir sozinho. E aí eu também vou passear com ele na praça, no final dessa noite. (Entrevistada 3)

A mãe nº1, em seu depoimento, destaca que outros membros da família alteraram sua rotina e sua forma de lidar com a criança, buscando tornar o momento de isolamento menos desconfortável. Ela cita que seu irmão mais novo de dezessete anos, que também está tendo aula remota, a auxilia ao ficar responsável pelos cuidados com o sobrinho no período da manhã, conforme podemos observar a seguir:

Meu irmão vai fazer dezoito anos e está tendo aula em casa também, inclusive ele fica com o meu filho pra mim de manhã. Eu vejo os dois têm se aproximado muito com isso, sabe? Nós não somos aquela família super divertida, descolada e alegre, mas cada um está cedendo um pouco para meu filho ganhar no final, entende? (Entrevistada 1)

O adoecimento das mães também se observa, como nas falas a seguir:

Estou muito cansada, muito, não vou mentir para você. E é um cansaço que mesmo quando chega hora de dormir, às vezes você não relaxa. Estou tendo

muita taquicardia, às vezes eu tenho dor de cabeça, às vezes tenho má digestão, e aí o corpo começa a responder, porque eu já tenho meu compromisso com o trabalho que me ocupa muito e tem as questões domésticas. Então compromete porque o adulto não descansa brincando né? (Entrevistada 3)

Eu já me sentia antes da pandemia, agora nem sei se tem nome para isso. Sim, estou sobrecarregada com tudo que tenho que fazer, tudo que tenho que dar conta, tenho que fazer uma planilha para lembrar de todos os meus compromissos porque minha memória falha. Eu percebo que às vezes no meu trabalho algumas pessoas, elas ficaram mais frenéticas, começaram a trabalhar mais ainda, e não entendo como que elas conseguem, acho que é porque não têm filhos mas eu estou realmente, sobrecarregada. (Entrevistada 4)

A sobrecarga das mães para conseguir dar conta das demandas das crianças foi constatada também na fala da mãe nº 2, que apesar de estar em uma cidade do interior e não trabalhar fora de casa, trabalha assessorando o marido em seu negócio de carretos, o que a impede parcialmente de elaborar melhor essas estratégias.

Então, eu tenho que admitir que não sou muito uma mãe que tem animo de sentar no chão e brincar, Para falar a verdade, essa nova rotina é muito complicada. A minha filha estuda de manhã e o meu filho a tarde e a vida de dona de casa não é fácil né? Então eu tenho que ficar por conta dela de manhã e dele de tarde. Fora os serviços de casa, eu mexo com as coisas do meu marido também, então não tenho muito tempo para ficar organizando muita brincadeira e essas coisas. (Entrevistada 2)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reconhecimento sobre a importância do brincar para o pleno desenvolvimento infantil se faz notar não apenas na literatura da área, mas também pelas falas das mães convidadas para as entrevistas. As crianças aprendem muito enquanto brincam e isso faz com que se desenvolvam e ampliem capacidades e habilidades, fundamentais para sua aprendizagem e seu desenvolvimento cognitivo, físico, social, afetivo e psicológico. As atividades recreativas as introduzem no mundo da imaginação e estimulam novos conhecimentos.

A revisão da literatura e a elaboração da pesquisa qualitativa permitiu contextualizar a prática do brincar em diferentes perspectivas, como uma atividade predominante na vida da criança, sendo fonte integral de desenvolvimento e construção de conhecimento.

Foi possível observar que o isolamento social decorrente da pandemia da COVID-19 atingiu diretamente as crianças, causando grande sofrimento, gerado por diversos

fatores estressantes como a diminuição do convívio social e dos espaços de socialização, a interrupção das aulas presenciais, o agravamento das condições de pobreza trazendo novas preocupações para as crianças.

Observamos diferenças vivenciadas pelas crianças e suas famílias, nos contextos da capital e do interior do estado. As mães residentes em Belo Horizonte, ao perceberem as limitações da moradia (e da cidade) para garantirem o direito das crianças ao brincar, optaram por se mudar, trocando os apartamentos por casas com quintal e a capital, por cidades do interior.

O estudo revelou também que a escola, durante o período de ensino remoto buscou ofertar atividades lúdicas, sobretudo por meio das aulas de educação física (tendência já notada no ensino presencial).

A falta de tempo das mães para o acompanhamento das atividades escolares remotas dos filhos pequenos levou algumas famílias à contratação de profissionais para realizarem esta tarefa.

Com relação às estratégias criadas pelas famílias com vistas a garantir às crianças o direito de brincar, destacamos: a busca por moradias com quintal e outros espaços de lazer, o deslocamento da capital para o interior, investimento financeiro em brinquedos, reorganização do espaço da casa criando “cantinhos” específicos, inclusão de parentes (tios, primos) como companhia na rotina da criança.

Conclui-se que o brincar é relevante e imprescindível, e que embora a pandemia tenha restringido esse direito, as famílias, representadas neste estudo pelas mães, se reorganizaram buscando formas de preservar este direito das crianças. Com tantos fatores de estresse, garantir esse direito é fundamental para a criança elaborar por meio das brincadeiras, os novos sentimentos que o contexto pandêmico aflorou: medo da morte, o sofrimento das perdas, a saudade, a raiva, etc.

É importante garantir o direito da criança ao brincar e manter a parceria com as escolas para dar suporte às famílias. Pois sendo a família o primeiro âmbito onde a criança estabelece as primeiras relações afetivas, cognitivas, sociais e desenvolve a socialização, a família precisa atuar como mediadores colaboradores e participantes do brincar.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BARBOSA, Juliana. Hábitos de leitura aumenta 50% durante a quarentena: veja bons livros. **Metrópoles** de 25 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/literatura/habito-de-leitura-aumenta-50-durante-a-quarentena-veja-opcoes-de-livros>. Acesso: 22 de ago. 2021.

BORBA, Ângela Meyer. O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão de crianças de seis anos de idade**. 2. ed. Brasília, 2007, p. 33-45. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>. Acesso em: 21 de fev. 2021

BRASIL. **Lei nº 8.069**, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 21 de fev. 2021.

BRASIL. **Lei 9.394/96**, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <https://bit.ly/1U7QxVu>. Acesso: 07 de ago. 2021.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2017.

BRASIL. **Resolução nº 5**, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, 2010.

BRASIL. Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ). **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia**. Covid-19: crianças na Covid-19. Brasília (DF): Ministério da Saúde/FIOCRUZ; [S.1], 2020. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/nova-cartilha-de-saude-mental-aborda-criancas-na-pandemia>. Acesso em: 20 de jul. 2021.

DE QUEIROZ, Norma Lucia Neris de; MACIEL, Diva Albuquerque; BRANCOET, Angela Uchôa. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. **Revista Paidéia** (Ribeirão Preto), v.16, n.34, pp.169-179, 2006.

DUARTE, Rafael. **Transmissão da Covid-19 por crianças: o que sabemos até agora?** In: Movimento saúde. Disponível: <http://movimentosaude.com.br/pais-e-filhos/1489/transmissao-da-covid-19-por-criancas-o-que-sabemos-ate-agora>. Acesso em: 17 de jul.2021.

JIAO, Yan Wen *et al.* Transtornos Comportamentais e Emocionais em Crianças Durante a pandemia da COVID-19. In: **European Paediatric Association**. v.221. jun. 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7127630/> Acesso em: 20-de abr.2021.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira-Thomson Learning, 2002.

MARQUES, Emanuele Souza; Moraes, Claudia Leite de; Hasselmann, Maria Helena; Deslandes, Suely Ferreira; Reichenheim, Michael Eduardo. A violência contra mulheres,

crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações, e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública**, v.36, n. 4, p. 1-6, 2020.

OLIVEIRA, Vera Barros de. (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos**. 11ed.Petrópolis:Vozes, 2014.

SENHORAS, Eloi Martins. Coronavírus e educação: análise dos impactos assimétricos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 128-136, jun. 2020.

SILVA, Isabel de Oliveira e; LUZ, Iza Rodrigues da; CARVALHO, Levindo Diniz (Orgs.). **Infância e pandemia na região metropolitana de Belo Horizonte**: primeiras análises. Belo Horizonte: UFMG/FaE/NEPEI, 2021. 91 p.

UNICEF. Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância. **Convenção internacional sobre os direitos da criança**. 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 17 de jul.2021.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WAJSKOP, Gisela. **O brincar na educação infantil**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.